



Fotos de Zeniltom Custódio

Dificuldade

A produção agrícola das ilhas, que antes era retirada em canoas, agora é transportada nas costas pelos longos trechos de areia formados pelo assoreamento do leito do Rio Doce, que já foi navegável até Itapina

Ribeirinhos sofrem com assoreamento do Rio Doce

Agredida de todas as formas durante sua caminhada para o mar, a água do Rio Doce chega à foz comprometida

ZENILTOM CUSTÓDIO

Linhares - Sucursal - O Rio Doce está morrendo. É o que afirmam, a cada ano com maior convicção, os moradores ribeirinhos de sua foz, onde as marcas dos maus-tratos a que o rio é submetido desde sua nascente, no com-

maioria das famílias ribeirinhas da foz, acreditava que suas futuras gerações encontrariam nas águas do Rio Doce uma fonte inesgotável de sustento e renda.

Mas bem antes do que se podia imaginar, as famílias ribeirinhas

te, cacau e banana. Jovadir Carvalho da Silva, de 63 anos, observou que a cada ano o transporte da colheita por água fica mais difícil, enquanto a necessidade de providenciar o transporte pela areia, aumenta. "Se continuar deste jeito,

Segundo ele, o piso de areia formado pelo assoreamento é firme e exige menos esforço físico dos atletas. Além desta vantagem, acrescenta o treinador, quando termina a partida, os jogadores se refrescam tomando banho nas

Seama diz que recursos estão a caminho

Linhares - Sucursal - Os estados do Espírito Santo e Minas Gerais estão unidos na busca de uma solução para salvar o Rio Doce. As discussões propostas pelos técnicos capixabas e mineiros, a partir de 1989, estão consolidadas em um projeto que tramita na câmara técnica do Conselho Nacional de Recursos Hídricos. Eles estão propondo a criação do Comitê do Rio Doce, canal institucional para captação dos recursos necessários ao desenvolvimento das ações de recuperação do manancial, que exigiriam em torno de US\$ 2 bilhões.

O projeto apresentado pelo Pró-Comitê do Rio Doce deveria ter sido analisado pelo Conselho de Recursos Hídricos no final de julho último. Entretanto, como o órgão está sendo reestruturado, sua agenda de reuniões foi alterada. Foi o que afirmou Fábio Ahnert, coordenador de Recursos Hídricos da Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama).

Mas Fábio afirmou que as ações em prol do manancial mais importante do Espírito Santo não se resumem às expectativas em relação à aprovação do Comitê do Rio Doce. Ele revelou que no próximo dia 13, em Ponte Nova, Estado de Minas Gerais, serão iniciadas as discussões, visando a traçar uma estratégia de mobilização nas sub-bacias do manancial. "Vamos identificar os problemas em cada sub-bacia, os projetos que já estão sendo executados e estabelecer os planos de recuperação", disse.

Mas Fábio reconhece que sem a liberação de recursos federais será difícil desenvolver ações capazes de reverter a situação. "Com a criação do Comitê do Rio Doce seria possível, por exemplo, ter acesso a um programa da Agência Nacional de Águas para aquisição de sistemas de esgoto", afirmou. Outro fator importante, lembra, está relacionado com a

Linhares – Sucursal – O Rio Doce está morrendo. É o que afirmam, a cada ano com maior convicção, os moradores ribeirinhos de sua foz, onde as marcas dos maus-tratos a que o rio é submetido desde sua nascente, no complexo do espinhaço da Mantiqueira, em Minas Gerais, são cada vez mais evidentes e profundas.

Durante este período, quando a seca, como um Raio X, revela a trágica realidade do manancial, é difícil acreditar na eficácia das soluções apontadas pelos técnicos, que nunca são concretizadas por falta de recursos.

Cansado

O Rio Doce percorre mil quilômetros de extensão até o Oceano Atlântico, onde suas águas, já totalmente comprometidas, são despejadas. Em sua foz, no município de Linhares, entre as vilas de Regência e Povoação, as áreas de areia descobertas são cada vez maiores, enquanto a vazão do rio se limita a canais cada vez mais estreitos. Para as comunidades que dependem das águas do manancial, o velho Rio Doce se comporta como se estivesse cansado de resistir às intervenções dos homens, a quem tanto serviu desde o início do processo de colonização.

“Dá pena”. Desta forma o pescador Arnaldo Alves do Nascimento, de 68 anos, resume sua indignação diante da trágica situação do Rio Doce. Nascido às margens do manancial, em Povoação, onde ainda vive, ele se preocupa com o futuro dos filhos. Arnaldo, assim como a

maioria das famílias ribeirinhas da foz, acreditava que suas futuras gerações encontrariam nas águas do Rio Doce uma fonte inesgotável de sustento e renda.

Mas bem antes do que se podia imaginar, as famílias ribeirinhas da foz estão sendo forçadas a buscar outras alternativas de vida. O pescador João Vieira Lopes, de 56 anos, também de Povoação, trocou as redes pelo biscoito, espécie de foice usada para roçar as plantações de cacau, mas não esconde o medo do futuro. “Sustentei nove filhos e netos com a pesca, mas hoje não sei o que vai ser de mim”, comenta. Ainda de acordo com ele, o volume de água do rio está tão reduzido que o robalo, peixe nobre da região, durante a desova, que coincide com o período da seca, fica sem saída e é pescado com facilidade por pescadores inescrupulosos que usam redes e tarafas de malha fina. “Esta espécie não vai durar muito”, sentencia.

Navegação

Os enormes bancos de areia, às vezes totalmente à mostra ou cobertos por uma fina lâmina de água, comprometem gravemente a navegação pelo rio. Além dos pescadores, também são prejudicados os produtores das ilhas que estão espalhadas pela região da foz do rio, onde se planta, principalmen-

te, cacau e banana. Jovadir Carvalho da Silva, de 63 anos, observou que a cada ano o transporte da colheita por água fica mais difícil, enquanto a necessidade de providenciar o transporte pela areia, aumenta. “Se continuar deste jeito, logo vamos poder ir de carro até a ilha”, comentou.

Abastecimento

A distância cada vez maior entre a margem e o canal do rio obrigou os técnicos do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) a providenciar uma solução emergencial para garantir o abastecimento da vila de Povoação, que consome em torno de 100 mil litros de água por dia.

O operador responsável pela manutenção do serviço na vila, Geraldo Oliveira Ramos, explica que o ponto de captação foi estendido por mais 150 metros, até encontrar água. Mesmo assim, devido à escassez do produto, a caixa d'água que antes enchia com lh45m, agora não é abastecida em menos de oito horas.

Mas nem todo mundo sai perdendo com o assoreamento na foz do Rio Doce. Várias áreas que antes eram cobertas pelas águas foram transformadas em campos de futebol. A opção é explicada pelo técnico da equipe de base do Golfinho, de Povoação, João Vieira.

Segundo ele, o piso de areia formado pelo assoreamento é firme e exige menos esforço físico dos atletas. Além desta vantagem, acrescenta o treinador, quando termina a partida, os jogadores se refrescam tomando banho nas águas do rio que, apesar de poluídas, ainda são utilizadas pelas comunidades locais.

“Serve para lavar roupas, louças e tomar banho. Só não serve para beber”, afirma Joana Santos Scarpati, de 71 anos. Para ela, que assistiu ao processo de desmatamento das margens do manancial, o Rio Doce está condenado. “É daí pra pior”, afirma, pessimista.

A seca também transforma a tragédia do Rio Doce em arte natural. Quem observa o leito do manancial de um plano superior se encanta com o mosaico de formas que a areia apresenta sob a lâmina transparente de água.

Quem tiver paciência é capaz, inclusive, de flagrar um peixe em movimento, apesar deste tipo de cena ser cada vez mais raro. Na foz, entre Regência e Povoação, a facilidade com que pequenos peixes podem ser capturados atrai garças e outras espécies de aves, que porporcionam um cenário capaz de lembrar os santuários ecológicos da região do Pantanal e de renovar as esperanças de quem tudo está perdido.

sem a liberação de recursos federais será difícil desenvolver ações capazes de reverter a situação. “Com a criação do Comitê do Rio Doce seria possível, por exemplo, ter acesso a um programa da Agência Nacional de Águas para aquisição de sistemas de esgoto”, afirmou. Outro fator importante, lembra, está relacionado com a aprovação, pelo Governo Federal, da Lei de Recursos Hídricos, em 1998. O dispositivo permite que estados e municípios cobrem uma participação financeira dos usuários da bacia, através do pagamento de contribuições, por poluição, consumo, uso da água e do solo.

Os problemas do Rio Doce passaram a ser constatados de forma mais profunda a partir da elaboração da Agenda 21 da Bacia do Rio Doce, resultado de pesquisas desenvolvidas por uma equipe coordenada pela Seama, que constatou a tragédia do manancial.

“De uma forma geral, o Rio Doce apresenta elevado nível de assoreamento, originado principalmente pelo desmatamento ocorrido. O impacto do desmatamento também reduziu sensivelmente o potencial hídrico do rio. É de ressaltar que este processo ocorreu num período de apenas 50 anos, sendo que há 25 anos a cobertura vegetal já atingia menos de 5% da área”, segundo o documento.

SAIBA MAIS SOBRE O RIO

■ O Rio Doce foi descoberto no dia 13 de dezembro de 1501, durante expedição comandada pelo português André Gonçalves, que batizou o manancial de Barra ou Rio Santa Luzia

■ Em 1572 o Rio Doce começou a ser utilizado para a penetração no interior do Estado, por Sebastião Fernandes Tourinho

■ Em 1888, navegando pelo Rio Doce no navio Adria, os primeiros colonizadores chegaram onde atualmente se localiza o município de Colatina.

CRÔNICA DE RUBEM BRAGA SOBRE O RIO DOCE

“... Conheci as matas do Rio Doce na pompa e no mistério de sua pujança. Quando voltei lá, há pouco tempo, o que encontrei em muitos sítios foi uma capoeira rala, uma vegetação pobre e salteada a lembrar o sertão do Nordeste. Nossos rios estão secando. Capixabas, mineiros e baianos ocuparam tumultuariamente o que nos restava ao Norte, de terras ainda virgens. Agora a aventura desbravadora acabou.”



AMEAÇA

A fauna fluvial está seriamente ameaçada pelos enormes bancos de areia, que criam facilidades para a captura, principalmente por pescadores menos conscientes

AÇÕES PARA RECUPERAÇÃO

- Instituir áreas de preservação e conservação que possuam características naturais relevantes
- Disciplinar a utilização de áreas críticas, tais como mananciais, fundos de vales, altas declividades e áreas sujeitas a enchentes.
- Fiscalizar o cumprimento da legislação relativa às questões ambientais e do uso do solo.
- Promover o desenvolvimento de práticas agrícolas que não degradem.
- Promover educação ambiental da população em geral.
- Intensificar a fiscalização, aplicando penalidades e/ou exigir projetos de adequação, segundo legislação existente ou a ser criada.
- Criar o banco de dados sobre remanescentes da bacia, bem como embasar uma política de recuperação florestal e divulgar as informações.
- Criar um programa de “Incentivo Verde”, com benefícios a patrocinadores de projetos de educação ambiental, pesquisa, documentação, conservação, implantação e manejo.
- Criar incentivos a produções para os produtores rurais preservarem ou recuperarem áreas degradadas.
- Divulgar os resultados obtidos com recuperação de áreas degradadas.
- Elaborar uma política para áreas degradadas ou sujeitas a degradações, que garanta o diagnóstico de suas condições ambientais e o desenvolvimento de técnicas e a captação de recursos humanos para o seu manejo.
- Implantação ou estruturação de viveiros de produção de mudas.